

MUSICALIZAÇÃO NA INFÂNCIA: APRENDIZAGENS POR MEIO DA MEDIAÇÃO CULTURAL

Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon.
Universidade da Região de Joinville, UNIVILLE
mirtes@belasartesjoinville.com.br

Silvia Sell Duarte Pillotto
Universidade da Região de Joinville UNIVILLE
pillotto0@gmail.com

RESUMO: O artigo tem como objetivo refletir sobre a musicalização na infância (crianças de 4 /5 anos) e seus processos de aprendizagem por meio da mediação cultural, tendo como base ações de sensibilização. O espaço escolhido para a realização da pesquisa foi uma instituição pública de educação infantil e um museu de arte. Três atividades, constituídas como aprendizagem fizeram parte da pesquisa: contato das crianças com os instrumentos musicais, permitindo-lhes identificar os instrumentos, entre eles, a flauta doce. Foi possível para as crianças, além da identificação dos instrumentos, perceber também sonoridades, conectando-as com outros sons, da natureza, por exemplo. Na sequência, as crianças tocaram flautas, observando variáveis sonoras, utilizando o sopro com maior ou menor intensidade, tocando os instrumentos de percussão com vários movimentos. Outra atividade foi a escuta dos sons pelas crianças. Nesse momento, as crianças perceberam a construção de outras sonoridades, na maioria, desconhecidas por elas. Por fim, ocorreu a atividade sobre criação musical. As pesquisadoras tocaram ao som da flauta várias músicas enquanto as crianças acompanharam cantando, emitindo sons vocais e batendo palmas. Com a abordagem qualitativa e viés na cartografia, a primeira etapa da pesquisa finalizou com expectativas atendidas, especialmente em tratar a mediação cultural como experiência de sentidos nas relações entre envolvidos, instrumentos musicais e espaços. A musicalização se fez presente nos espaços formal e não formal da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Musicalização; Mediação cultural; Espaço não formal; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O artigo apresentado faz parte de uma pesquisa que está sendo realizada num Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação e destaca a musicalização em processos de mediação cultural como possibilidade de aprendizagem na infância, utilizando a flauta doce como instrumento musicalizador/conductor nas práticas de sensibilização. Nossas escolhas têm sido atreladas por temas como: criança/infância, mediação cultural, aprendizagem e musicalização.

Embora o contexto da educação infantil venha ganhando espaços nos últimos anos, com maior ênfase na inclusão da Educação Básica, ainda temos resquícios da história em que a criança é limitada em seus processos de aprendizagem, especialmente em se tratando de espaços culturais para além da escola.

É bastante comum no contexto social e na educação, considerar ou pensar na criança como tábua rasa ou como afirma Cunha (2002) portadora de potenciais expressivos e criativos/inatos. Essas duas abordagens acabam por esvaziar o significado e o sentido da aprendizagem em arte/cultura, pois não viabilizam o conhecimento sobre a linguagem musical, visual e corporal. É retirada da criança a experiência do contato com materiais diversos, espaços outros e outros saberes. Com isso interrompem o desenvolvimento do imaginário infantil, reduzindo a expressão, interação e criação da criança e sua percepção do mundo que a rodeia, das pessoas, dos espaços e dos objetos, de outra forma, de um jeito singular de ser.

A prática e a utilização da música, por exemplo, são oportuníssimas na passagem de um momento para outro no desenvolvimento do ser humano desde seu nascimento. A música vem ao encontro de habilidades que todo indivíduo traz consigo, como por exemplo: instinto, audição, sensorialidade, ritmo, emotividade, criatividade, entre tantas outras.

Nessa perspectiva e a partir das palavras de Quinteiro (2005, p. 24) é importante destacar também que “os primeiros elementos de uma sociologia da infância, vão surgir e fixar-se principalmente por oposição à concepção de infância considerada como simples objeto, passivo de uma socialização orientada por instituições.” Portanto, olhar a criança como ator social, respeitando-a em seus direitos, entendendo a infância como categoria social do tipo geracional é sem dúvida o pressuposto conceitual da sociologia da infância. (SARMENTO, 2004)

Pensar a criança como protagonista de sua própria história é ouvi-la no mais estranho dos silêncios, é compreendê-la no seu momento e no seu movimento ritmado de vida. Talvez devêssemos pensar nos saberes da criança não como algo dado, limitado e acabado, mas como processos que estão sempre iniciando em movimentos contínuos e talvez inacabados.

A partir dessa problemática e da relevância do tema, algumas questões de pesquisa se fazem importantes: *a mediação cultural por meio da musicalização possibilita o aprendizado na infância? Como articular esses processos nos espaços não formais da educação? A Flauta doce pode ser o instrumento condutor desse processo?* Essas questões têm percorrido a

trajetória de pesquisa que se encontra em processo. E para esse artigo especificamente, apresentamos alguns aspectos e resultados parciais nas ações já realizadas de mediação cultural por meio da musicalização, entendendo que esse processo culmina em novas aprendizagens, tendo como foco a musicalização numa instituição de educação infantil e no museu - espaço não formal de educação.

A escolha dessa temática deve-se ao pressuposto que a prática musical pode ter início nas escolas de música, nos centros de educação infantil, nos espaços museológicos, na família, entre outros. Uma das mais ricas fontes de aprendizado pode ser no contexto da sua própria casa, quando inicia a sua socialização com as pessoas e objetos sonoros numa abordagem ativa, em que o mediador (mãe, pai, irmãos, avós), por exemplo, podem criar condições para que se propicie o processo do conhecer os sons; até de concretizar a linguagem musical. Assim, a casa e mesmo as ruas podem ser o primeiro espaço no qual as crianças tem contato com diversas sonoridades, ainda não conceituadas, mas cantadas e ritmadas.

A partir das questões aqui apresentadas, esse artigo visa refletir com o leitor aspectos relacionados a musicalização na infância e possíveis aprendizados por meio da mediação cultural em espaços formais e não formais da educação. Para a presente abordagem discutiremos alguns conceitos fundantes e nosso relato sobre o caminho metodológico percorrido com as crianças, tanto na instituição de educação infantil como no museu.

CAMINHOS TEÓRICOS QUE LEVAM AS PRÁTICAS SENSÍVEIS

Como a discussão desse artigo é percorrer o conceito de musicalização, buscamos nos princípios de Penna (1990) subsídios teórico-metodológicos. Para a autora, a musicalização mobiliza reflexões para além da abstração da música. Essa proposta visa repensar a musicalização numa vertente sociológica e educacional para fundamentar a prática. Assim, podemos definir musicalização como: “[...] ato ou processo de musicalizar. Musicalizar (-se): tornar (-se) sensível à música, de modo que, internamente, a pessoa reaja, mova-se com ela” (PENNA, 1990, p. 19).

Nesse contexto, a musicalização desenvolve na criança os campos: físico, mental, cognitivo e emocional. Na fase de alfabetização, a criança manifesta seu sentido rítmico da palavra e movimento. A música, portanto, é capaz de imprimir no cérebro a compreensão da melodia das próprias palavras e como linguagem pode expressar ideias e sentimentos. Ao

pensar ou expressar verbalmente uma ideia, a criança se encontra num processo de representação. A música proporciona a vivência da linguagem musical como um desses meios de representação, interage com o meio ambiente, incluindo os sons, as canções e outras manifestações; é também um excelente meio no desenvolvimento criativo e lúdico, que é parte integrante da infância.

Numa outra abordagem, mas que dialoga com as questões vivenciais, Willems (2015) defende que o estudo da psicologia é o fundamento básico no processo da musicalização infantil, pois mostra a relevância dos elementos fundamentais da música e as suas relações com a condição humana, tais como aparecem nas experiências musicais, especialmente no campo da educação. Na obra desse autor, o pressuposto é de que existem rudimentos, que são os princípios do ensino musical, sem discriminação do seu valor psicológico. Muitos professores podem dar os primeiros rudimentos da música às crianças, porém, alguns possuem condições de enraizar as bases na vida musical. Antes disso, o papel de atrair a atenção das crianças aos fenômenos sonoros e rítmicos e ensiná-las as primeiras canções pode ser da família.

Para Willems (2015) a melodia é o elemento musical, essencial e o mais característico da música para as crianças. O ritmo e o som, por sua vez, estão unidos no canto. É fundamental, portanto, que a criança vivencie os elementos e as propriedades musicais antes de tomar consciência deles. Desta forma, o canto precisa impreterivelmente estar presente na iniciação musical das crianças. Ele contribui para o desenvolvimento da audição e, na metodologia de Willems (2015), o papel mais importante nesse momento da educação musical é do canto e muito se deve a ele. Portanto, as canções populares são instrumentos de aprendizagem musical infantil, visto que são originadas em sua etnia, e, assim é possível as crianças aprenderem mesmo na condição de não se encontrarem na escola de música, ou seja, esse aprendizado pode ocorrer em outros espaços não formais e informais da educação.

Por outro lado, a flauta doce por ser um instrumento melódico foi inserida nas ações de mediação cultural, dando à oportunidade as crianças de conhecerem um instrumento diferente dos instrumentos de percussão, propiciar a escuta afinada e “doce”, como o nome bem o diz, e, ainda oferecer uma gama de músicas instrumentais para a prática da criação de novas canções numa experiência coletiva.

Nesse aspecto e na compreensão de Vygotsky (2009) a cultura é a dimensão da atividade humana que nos diferencia dos outros animais em função dos processos de mediação,

que permitem a socialização e a comunicação dos sujeitos. Willems (2015) e Vygotsky (2009) se encontram na ciência da psicologia e no desenvolvimento humano. Entretanto, os estudos de Vygotsky (2009) são voltados para a compreensão das origens sociais e para as bases culturais do desenvolvimento humano, e, os de Willems (2015) na educação musical, propondo o canto como fonte de reconhecimento cultural do sujeito, ou seja, ao escutar, cantar e criar as crianças podem interagir socialmente.

Como já dito, o canto está não apenas na escola, mas em vários outros contextos culturais: na família, nas ruas, nas igrejas, entre outros. Nesse momento, falamos de uma educação não formal e por vezes informal, que segundo Gohn (2008, p. 107) é aquela “transmitida pelos pais na família, com convívio com amigos, clubes, teatros, leitura de jornais, livros, revistas, etc.”. Ainda para a autora, essa forma de educação “decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e representações, como é o caso da educação familiar” (GOHN, 2008, p.107).

Nessa pesquisa optamos pelo espaço museológico para desenvolver mediação cultural, tendo como base os elementos e propriedades musicais, como: melodia, harmonia, ritmo, intensidade, altura, timbre e duração por meio da musicalização. A experiência com a musicalização no foco da mediação cultural em um museu que agrega obras de artes e objetos pessoais do artista é um dos desafios da pesquisa. Essa vivência pode sensibilizar as crianças e seus processos de aprendizagem no que se refere aos aspectos culturais, sociais, estéticos, éticos e de cidadania. Como bem diz Sanches; Ferreira-Santos; Almeida (2012, p.27)

[...] da mesma maneira que para ser educativa, a arte precisa ser arte e não arte – educativa, o museu para ser educativo precisa ser espaço de cultura e não museu educativo. É na sua precípua ação cultural que se apresenta a sua possibilidade de ser educativo. Aqui reside sua função mais importante.

A mediação cultural, grosso modo é entendida muitas vezes como trabalho de monitoria desenvolvido em alguns espaços culturais, como: museus, galerias de arte, bienais, teatros, salas de concertos, entre outros. De todas essas formas, a mediação cultural em música, especialmente para crianças é praticamente inexistente. Essa lacuna pode reduzir outros tantos processos de aprendizagem envolvendo a escuta. E como afirma Granja (2008, p.65)

Ouvir é captar fisicamente a presença do som. [...] Escutar, por outro lado seria dar significado ao que se ouve. [...] A escuta é o sentido da convivência e da significação. Ela nos permite ter acesso à palavra falada e, com isso, ao mundo das

outras pessoas e do conhecimento. A escuta é a instância fundamental tanto na linguagem verbal como na musical.

A música é também uma linguagem, a qual permite falar diretamente aos sentidos, razão esta de estar ligada à percepção musical da escuta e não da própria demanda da música - a música pela música, pois os animais também ouvem música tanto quanto os humanos, porém, somente os sujeitos podem atribuir significação aos sons, os quais chamamos de música.

Desta forma, refletir sobre a visitação do público infantil, crianças a partir de 4/5 anos de idade, aos espaços culturais locais, enfatizando a mediação cultural a partir da musicalização como atitude pedagógica dos profissionais envolvidos nesse processo, é uma das metas dessa pesquisa. O fato de o público infantil aumentar dia a dia nos espaços culturais evidencia a necessidade de estudos e reflexões para que essa ação contemple de fato as especificidades que a criança necessita, possibilitando outras linguagens da arte e outras formas de aprendizagens. (MARTINS; PISCOSQUE, 2008).

A mediação cultural é social na perspectiva da reconstrução e reinvenção do ser e do meio em que vive. Barbosa; Coutinho (2009, p. 184) afirmam que é importante “garantir que a experiência vivida no espaço transitório da mediação tenha uma ressonância na vida das pessoas, e, no caso específico do público escolar”. Essa ação é imprescindível numa educação democrática, e, sobretudo dialógica. Portanto, pressupõe uma postura diferenciada no encontro entre arte e cultura, e, nesse sentido, os agentes da mediação precisam compartilhar essa prática. Sobre essa questão, Lima (2009, p.148) afirma que

Já não bastam informações e orientações, é preciso construir novos paradigmas de ação que todo o tempo nos diz e nos pede “mediações”. É esse estado que gera desafios. E eles se amplificam se considerarmos os diferentes ambientes de apreensão e compreensão.

A criança precisa de novos espaços, novos objetos, imagens e sons para aprender novas formas e múltiplos olhares. Necessita, sobretudo, de abordagens lúdicas em que o brincar mistura-se com o apropriar, aprender e relacionar-se com o outro e com o entorno. Para Sarmiento (2004, p. 23) o mundo da criança “é muito heterogêneo, ela está em contato com várias realidades diferentes, das quais vai aprendendo valores e estratégias que contribuem para a formação da sua identidade pessoal e social.” Nas interações da criança com seus pares, com os adultos e com variados espaços culturais é que ela entra em contato

com os saberes do mundo, e, num processo constante de vivências vai construindo identidades.

No entanto, vale destacar que é preciso aos profissionais que trabalham com crianças, o entendimento de que toda e qualquer ação permeia a via do lúdico e da experiência. É por esse caminho que as práticas nas instituições formais e não formais de educação podem ser pensadas a luz também da criança, protagonista na experiência e nos saberes.

Como autora de suas experiências, as crianças estão presentes nos espaços formais e não formais da educação e nesse contexto pode estar a mediação cultural. Os benefícios dessa relação envolvem uma mediação significativa em que a crítica e a sensibilidade caminham juntas numa atitude contemporânea.

Essas questões são relevantes para se pensar também a relação de mediação cultural com seu público infantil. Na medida em que as instituições educativas articulam suas ações com os espaços culturais locais são necessárias ações mediadoras compartilhadas entre educadores do museu, professores de música, professores de educação infantil, gestores e comunidade.

RELATANDO O CAMINHO METODOLÓGICO

A abordagem dessa pesquisa é qualitativa, pois “considera que pontos de vista e práticas no campo são diferentes devido às diversas perspectivas subjetivas e ambientes sociais a eles relacionados”. (FLICK, 2004, p. 22). É a partir desse enfoque que estamos percorrendo nossos caminhos nessa investigação. A pesquisa qualitativa envolve valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões, consolidando-se “ao desafio da compreensão dos aspectos formadores/formantes do humano, de suas relações e construções culturais, em suas dimensões grupais, comunitárias ou pessoais”. (GATTI; ANDRÉ, 2010, p.30). Desse modo, utilizar dessa abordagem é investigar percepções, representações, sentidos, centrando-se na visão do sujeito e no objetivo do que se está investigando. Propõe romper com a dicotomia entre pesquisador e pesquisado, pois ambos destacam-se em processo de aprendizado, não assumindo mais a posição de neutralidade. A pesquisa qualitativa não apenas constata, busca a descoberta; não apenas mensura, também interpreta (GATTI; ANDRÉ, 2010).

Pelo viés da pesquisa qualitativa adentramos no método da cartografia, que busca intervir, ou nas palavras de Passos; Kastrup; Escóssia (2014, p.26) fazer um “mergulho no plano implicacional em que as posições de quem conhece e do que é conhecido, de quem analisa e do que é analisado se dissolvem na dinâmica de propagação das forças instituintes...”

Nessa perspectiva é fundamental para o pesquisador conhecer o campo de estudo, aprofundar conceitos sobre o tema investigado, tendo a capacidade de identificar pistas, trabalhar compartilhadamente e deixar vir a experiência.

Uma vez selecionado o método, optamos por desenvolver a pesquisa em uma unidade de educação infantil da Rede Pública Municipal e num museu, entendendo que os espaços formais e não formais agregam identidades. Os movimentos dessa pesquisa, portanto, caminham por esses vieses a partir de técnicas de observação de campo, tanto na unidade de educação infantil quanto no museu. Entretanto, nesse artigo especificamente o museu é o foco das experiências.

Porém, para que pudéssemos articular ações de mediação cultural entre a unidade de educação infantil e o museu, foi necessário pensarmos numa curadoria em ambos os espaços.

Assim, num amanhecer não tão ensolarado, esperamos as crianças no museu casa. Esse museu casa é um espaço extraordinário... Era a casa do artista, a qual foi apropriada pelo setor público como museu, onde estão obras, objetos e indumentárias do referido artista. Nesse museu casa tem um espaço destinado a exposições de outros artistas locais, bem como experiências com arte/educação. Além disso, é um espaço aberto rodeado por uma floresta, muita grama, bancos para se sentar e apreciar a natureza. Localizado num morro de preservação ambiental, o espaço é propício para mediação ao ar livre também.

O esperado naquela manhã é que não chovesse para que pudéssemos aproveitar tudo! Chegamos cedo, colocamos as fotos/imagens no espaço reservados aos artistas locais, penduradas em bambolês para que pudéssemos lembrar o mesmo movimento da mostra que fora realizada na unidade de educação infantil dias atrás. Ao lado desse espaço havia algumas toras de madeira e nossa imaginação voou! Os instrumentos foram colocados nessas madeiras para que as crianças tivessem a liberdade de tocá-los sem interferência dos mediadores.

A música estava literalmente no ar! O contágio tão foi grande que até os adultos pegaram os instrumentos que restaram ali e tocaram também. Os sinos foram a paixão das crianças. Um diziam “Olha a música do natal”, outras falavam “tem outro som”. As professoras, os mediadores do museu e as demais pesquisadoras pararam para escutar e ouvir

a música, pois existia ali uma melodia sim, junto com harmonia e ritmo realizada naquele momento, naquela experiência por crianças de 4 e 5 anos de idade, sem terem tido aulas de música anteriormente.

Após a experiência de tocar, cantarolar e ouvir os interlúdios de uma história, as crianças foram buscando no som da flauta doce o outro espaço do museu, ali onde estavam as obras do artista, ao vivo e em cores. As crianças colocaram os instrumentos no baú na entrada do museu casa, observando as obras do artista. Passaram um bom tempo perguntando: “ele morreu?” “É a mãe dele que está com ele no colo? É a mesma foto que a gente viu antes?” Aos poucos, mais do que responder fomos adentrando no universo da criança, construindo diálogos lúdicos mobilizando o pensamento infantil.

Professoras, pesquisadoras e mediadores do museu casa estavam atentos e aos poucos foram concluindo essa etapa e ao sair... outros sons, cantos e um quarteto de flautas doces tocando. As crianças ouviram as músicas que já haviam sido tocadas e cantadas na unidade de educação infantil numa mediação anterior a do museu, reconhecendo-as ao mesmo tempo em que escutavam os amigos/flautistas tocando. Nesse momento, é difícil descrever em palavras o olhar das crianças quanto mais a sua escuta sensível. O som musical levou as crianças a cantarem, a sentirem novamente o desejo de se movimentar com palmas e com o corpo. Assim, foram em busca dos instrumentos que estavam alojados no baú... Tocaram percussão ao ritmo das melodias enquanto o quarteto ainda tocava.

Depois dessa vivência, o quarteto de flautas doces conduziu as crianças para a varanda do museu casa, tocando canções infantis, algumas delas desconhecidas pelas crianças. Nenhuma delas queria parar de cantar juntamente com o quarteto! Após essa mediação organizamos uma para uma roda de conversa com as crianças, ou melhor, apresentando uma história com movimentos sonoros e corporais.

Na hora de ir embora, muitas crianças ainda queriam permanecer no museu e seus sentidos estavam alerta, mesmo depois de duas horas com ações de mediação cultural. Nesse contexto, a mediação cultural pelo viés cartográfico trouxe uma perspectiva para indicar novos caminhos em musicalização e expressões sonoras possíveis nos espaços formais e não formais da educação. Uma experiência para todos nós - crianças, professores, pesquisadores, amigos/flautistas, gestores e coordenadores.

TRAZENDO AS ÚLTIMAS REFLEXÕES

Sabemos que nas últimas décadas, ocorreram avanços com relação a educação formal e não formal, aos espaços culturais, a criança/infância, a mediação cultural e a musicalização. As unidades de educação infantil têm criado movimentos, buscando articular em suas práticas educativas, conexões externas as suas unidades, relacionando-as aos processos de aprendizagem às experiências de vida das crianças.

No entanto, temos observado também que essas práticas ainda são reduzidas, muitas vezes pelo desconhecimento do adulto com relação ao potencial infantil. Da mesma forma, o conceito de musicalização ainda continua estereotipado, uma vez que muitos profissionais entendem a musicalização sempre à serviço de algo, à exemplo – uma musiquinha para a higiene, outra para homenagear alguém, e, quase nunca como processo de aprendizagem em que o papel do professor como mediador faz diferença.

Reiterando as palavras de Penna (1990) é imprescindível provocar a sensibilidade do professor/pesquisador/mediador e das crianças, criando ondas que se movem resultando afetamentos. Mover-se é, sobretudo, um processo de mudança e de sentidos.

Da mesma forma, porém em perspectiva diferenciada, realizar mediação cultural num museu é muito mais do que fazer visitas guiadas, direcionadas com roteiro definitivos, que não levam em conta o imprevisível e o inusitado – a experiência.

A mediação pode mobilizar a escuta, o diálogo, a inquietude de aprender. Apresenta propostas que podem envolver crianças, espaços, objetos, sons e saberes. E como afirma Leite (2005, p. 44) ao tratar de crianças no museu é muito importante destacar que nós profissionais, “deveríamos estar mais atentos ao não fechamento em torno de sentimentos e evocações imagéticas, [...] não deveríamos nos supor no direito de conduzir seu olhar de forma tão diretiva e monóloga”.

Nesse momento da pesquisa, obtivemos importantes resultados parciais, porém, consistentes. As crianças tiveram contato com os instrumentos de percussão na unidade de educação infantil, mas, no museu casa percebemos que os instrumentos não eram mais novidade – as crianças já sabiam como tocá-los ou percuti-los diante do processo de mediação realizado anteriormente.

Outro fator importante foi a escuta das crianças e a construção de outras sonoridades. Elas estavam mais atentas às sonoridades, não apenas dos instrumentos, mas das músicas as quais reconheceram algumas melodias anterior a visita ao museu.

Entretanto, no museu casa a experiência da escuta foi ampliada. Por várias vezes as crianças voltaram-se para o fazer musical entre uma ação visual e outra sem nossas intervenções, das professoras ou mesmo do educador do museu casa.

Também construíram sonoridades a partir da escuta dos sons do próprio espaço do museu casa, tanto interno quanto externo. A flauta doce já tocada e ouvida anteriormente, no museu casa teve sua expansão sonora no que tange a experimentação da intensidade do som em vários momentos das mediações. A criação das sonoridades, tanto com a flauta doce quanto com os instrumentos de percussão e do canto geraram melodias e um cantar das crianças durante o processo das mediações.

Portanto, ao final dessa etapa de pesquisa, buscamos ter mobilizado a reflexão sobre musicalização na infância e possibilidades de aprendizagens por meio da mediação cultural com nossos parceiros (pesquisadores, professores, gestores e coordenadores) e com a comunidade de forma geral.

Contudo, o maior aprendizado foi a experiência, o fazer coletivo, o pensar compartilhado e o atravessamento sonoro. Tudo isso, respeitando as singularidades e as diversidades, que no conjunto da obra, tornam-se experiências coletivas. Experiências multicores, entrelaçadas por vozes em movimento, texturas, objetos sonoros e pessoas. Pessoas/criança, pessoas/adultos, criando sentidos, amorosidade, afetos, aprendendo com a vida outras maneiras de se expressar.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. *Cor, som e movimento; e expressão plástica musical e dramática no cotidiano da criança*. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GATTI, Bernadete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WELLER, Wivian, PFAFF, Nicolle (Orgs). *Metodologias de pesquisa qualitativa em Educação – Teoria e Prática*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2010.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e cultura política: Impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GRANJA, Carlos Eduardo de Souza Campos. *Musicalizando a escola: música, conhecimento e educação*. São Paulo: Escrituras Editora, 2008.

LEITE, M. I. Museus de arte: espaço de educação e cultura. In: LEITE, M. I.; OSTETTO E. L. (Orgs.) *Museu, educação e cultura: encontro de crianças e professores com a arte*. Campinas: Papirus, 2005.

LIMA, Joana D'Arc de S. Trocando experiências: a aventura moderna revisitada na proposta de mediação da mostra Acácio Gil Borsó e os artistas Vicente do Rego Monteiro e João Câmara. In: BARBOSA, A. e COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.). *Arte/Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Unesp, 2009.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. Instituto Sangari. São Paulo: Editora RBB, 2008.

PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virginia e ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PENNA, Maura. *Reavaliações e buscas em musicalização*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

QUINTEIRO, Jucirema. Infância e Educação no Brasil: Um Campo de Estudos Em Construção. In: FARIA, A; DEMARTINI, Z.; PRADO, P. (Orgs.). *Por uma cultura da infância – metodologias de pesquisas com crianças*. São Paulo: Autores Associados, 2005.

SANCHES, Janina; FERREIRA-SANTOS, Marcos; ALMEIDA, Rogério. *Arte, museu e educação*. Curitiba: VRV, 2012.

SARMENTO, Manoel Jacinto. As Culturas da Infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: CERISARA, Ana Beatriz; SARMENTO Manuel Jacinto (Org.). *Crianças e Miúdos - perspectivas sócio pedagógicas da infância e educação*. Portugal: ASA, 2004.

VYGOTSKY, Levi. *A imaginação e a arte na infância*. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água Editoras, 2009.

WILLEMS, Edgar. *El valor humano de La educación musical*. 5ª impresión. Barcelona, Espanha: Paidós Educador, 2015.